



ÁGORA

Suplemento n.º 6
2022

Diálogos Luso-Sefarditas

António Manuel Lopes Andrade
Saul António Gomes
Maria de Fátima Reis (Coords.)



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

Diálogos Luso-Sefarditas

A comunidade judaica tem uma presença significativa na Península Ibérica (*Sefarad*) desde tempos muito recuados, anterior à formação dos reinos ibéricos. Ao longo dos séculos, manteve uma relação estreita e dialogante com a maioria/minoria católica e muçulmana, repleta de momentos de diálogo frutuoso e de colaboração mútua, mas também de intolerância.

É precisamente a história fascinante da comunidade judaica e portuguesa, umas vezes cortejada e protegida, outras repudiada e perseguida, que ora trazemos a público pela mão de investigadores oriundos de instituições nacionais e estrangeiras, contribuindo para dar corpo e forma aos diálogos luso-sefarditas nas suas diversas materializações. Este volume decorre das palestras apresentadas no II Colóquio Internacional “Diálogos Luso-Sefarditas”, realizado no Museu de Aveiro / Santa Joana, em Dezembro de 2019.

TÍTULO
DIÁLOGOS LUSO-SEFARDITAS

COORDENAÇÃO

António M. L. Andrade, Saul A. Gomes & Maria de Fátima Reis

EDIÇÃO

UA Editora – Universidade de Aveiro

Email: editora@ua.pt

URL: <http://www.ua.pt/editora/>

CONCEÇÃO GRÁFICA E DESIGN DA CAPA

Meiokilo Design Studio

IMAGEM DA CAPA

Recriação do rosto da Bíblia de Ferrara, 1553

EXECUÇÃO GRÁFICA

Graficamares, L.da – Amares

REVISÃO DE TEXTO

Leonor Furtado

ISBN

978-972-789-755-1

ISBN DIGITAL

978-972-789-756-8

DOI

<https://doi.org/10.48528/d9rp-7a51>

DEPÓSITO LEGAL

499672/22

TIRAGEM

400 Exemplares

Diálogos Luso-Sefarditas

António Manuel Lopes Andrade

Saul António Gomes

Maria de Fátima Reis (Coords.)

Aveiro | 2022

UA Editora - Universidade de Aveiro

COMISSÃO CIENTÍFICA

Anthony Barker

Bruno Feitler

Claude Stuczynski

François Soyer

Irene Vaquinhas

João Manuel Nunes Torrão

Maria Cristina Pimentel

Maria Helena da Cruz Coelho

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO DE

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro

Centro de História da Sociedade e da Cultura da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste da Universidade de Lisboa



cllc

universidade de aveiro

centro de línguas, literaturas e culturas



LISBOA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA



Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto com a referência UIDB/04188/2020.

ÍNDICE

- 7 Diálogos Luso-Sefarditas: um projecto que se transformou em livro
António M. L. Andrade, Saul António Gomes e Maria de Fátima Reis
- 13 Denúncia, perseguição e dispersão de cristãos-novos de Santarém
entre a União Ibérica e a Restauração
Maria de Fátima Reis
- 33 A Inquisição de Goa e o delito de judaísmo (1561-1732)
Miguel Rodrigues Lourenço
- 73 Os prefácios do tratado de ginecologia de Rodrigo de Castro Lusitano
Cristina Santos Pinheiro
- 107 Amato Lusitano, Garcia Lopes e as propriedades terapêuticas da romã
Emília M. Rocha de Oliveira
- 133 Cristãos-novos nas Minas Gerais: colonização, religiosidade e trajetórias
sefarditas na América portuguesa durante o ciclo do ouro
Angelo Adriano Faria de Assis
- 163 New Christian Memory in Dispute: the Disputed Fonseca Inheritance
Between Rome, Coimbra and Lamego
James W. Nelson Novoa
- 205 Curia na rota dos refugiados da Segunda Guerra Mundial:
o caso da família Stadler (1940)
Carolina Henriques Pereira
- 229 Língua, Pertença e Identidade na Diáspora Sefardita Portuguesa:
um estudo exploratório
Anabela Fernandes
- 251 Pátria recordada. Uma leitura sobre memórias familiares
de judeus sefarditas da América do Norte
Carla Vieira
- 287 Negocios de *crístãos-novos* en Sevilla a finales del reinado de Carlos I.
El caso de Blas Reynel, 1548-1555
Manuel F. Fernández Chaves
- 327 Entre a tolerância e a exclusão: o real e o imaginário da herança judaica
na paróquia de Leomil
Jaime Ricardo Gouveia
- 367 "Presos pelo Santo Ofício". O destino dos bens de cristãos-novos
da comunidade de Leiria
Saul António Gomes

CARLA VIEIRA

CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa e Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL

Pátria recordada. Uma leitura sobre memórias familiares de judeus sefarditas da América do Norte

Homeland remembered. A view on family memories of North American Sephardim

Pátria recordada. Uma leitura sobre memórias familiares de judeus sefarditas da América do Norte

Homeland remembered.

A view on family memories of North American Sephardim

CARLA VIEIRA¹

(CHAM, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, FCSH, Universidade NOVA de Lisboa, 1069-061 Lisboa e Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, FLUL)

Resumo: Conciliando os conceitos e metodologias dos estudos da diáspora e dos estudos da memória, este artigo problematiza a noção de pátria dos ancestrais recordada e transmitida pelas gerações posteriores da diáspora sefardita ocidental, partindo de um caso em particular: as memórias familiares da elite sefardita norte-americana. Neste trabalho, serão analisados três textos que relatam as circunstâncias da partida de Portugal dos antepassados de três famílias que se fixaram na América do Norte britânica ao longo do século XVIII: os Mendes Seixas, os Nunes Ribeiro e os Lopez. A confrontação destas narrativas com as evidências factuais obtidas através da pesquisa documental permite discernir as realidades recordadas, esquecidas e reconstruídas, interpretando-as em consonância com os quadros mentais e sociais de produção e comunicação da memória.

Palavras-chave: Diáspora sefardita ocidental; narrativa familiar; memória colectiva; pátria; imaginação mnemónica.

Abstract: By applying the concepts and methodologies of diaspora studies and memory studies, this paper problematises the idea of homeland as remembered and communicated by the late generations of the Western Sephardic Diaspora. We will approach it through a case study: the family memories of the North American Sephardic elite. This paper analyses three texts that report the departure from Portugal of the forefathers of three families that settled in the British North American colonies during the 18th century: the Mendes Seixas, the Nunes Ribeiro, and the Lopez. Comparing these narratives with factual evidence collected from documentary research makes it possible to identify the facts that were remembered, forgotten, or refashioned, evaluating them in line with the mental and social frameworks in which these memories were produced and communicated.

Keywords: Western Sephardic Diaspora; family narrative; collective memory; homeland; mnemonic imagination.

¹ cccvieira@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-7632-3776>. Artigo desenvolvido no âmbito do projecto de pós-doutoramento “Nação entre Impérios: Cristãos-novos e Judeus Portugueses nas relações luso-britânicas (1.^ª metade do século XVIII)”, apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH/BPD/109606/2015).

1. Introdução

Em 1991, num artigo do número inaugural da revista *Diaspora*, William Safran propunha a aplicação do conceito de diáspora às minorias expatriadas que reunissem as seguintes características: a dispersão a partir de um centro rumo a regiões periféricas ou estrangeiras; a conservação de uma memória, visão ou mito colectivo sobre a pátria original; a consciência de que a integração na sociedade de acolhimento não é plena, gerando um sentimento de alienação ou isolamento; a perspectiva da pátria ancestral como o lar autêntico e ideal e o local para onde os descendentes deverão eventualmente regressar; o compromisso para com a preservação, segurança e prosperidade da pátria original; e a manutenção de vínculos pessoais ou vicários à pátria, capazes de definir a consciência e solidariedades etno-comunais². Mais de uma década depois e face à multiplicação de trabalhos no âmbito dos estudos da diáspora, Rogers Brubaker criticava a dispersão do conceito e o esvaziamento do seu sentido, ao mesmo tempo que adiantava três critérios estruturantes para a sua concepção: a dispersão no espaço; a orientação para a pátria (*homeland orientation*); e a manutenção das fronteiras relativamente à sociedade de acolhimento, através da preservação de uma identidade própria³. A evolução da investigação e da problematização em torno do conceito de diáspora tem criado um alicerce teórico essencial para quem se dedica ao estudo dos ditos sefarditas ocidentais (*Western Sephardim*). Jonathan Ray notou-o ao sugerir uma aproximação às metodologias e categorias dos estudos da diáspora na abordagem da questão identitária dos sefarditas enquanto “grupo sub-étnico”⁴.

O presente artigo segue a sugestão de Ray e concentra-se, em particular, num dos critérios definidos por Brubaker, a “orientação para a pátria”, o qual enquadra a maior parte das características que Safran associa ao conceito de diáspora⁵. Como é concebida a pátria dos antepassados pela segunda gera-

² SAFRAN (1991) 83-84.

³ BRUBAKER (2005) 3-5. Doze anos depois, o autor revisitou este artigo, respondendo às abordagens críticas entretanto concebidas e redefinindo a sua posição, tendo em consideração o progresso do campo de estudos. Veja-se BRUBAKER (2017).

⁴ RAY (2008) 10-31.

⁵ Sem ignorar a complexidade inerente ao conceito, utilizamos aqui “pátria” como tradução de

ção e gerações posteriores da diáspora sefardita ocidental? Ou melhor, como é recordada? Na busca de uma resposta a esta questão, a abordagem aplicada pela Mnemohistória (*Mnemohistory*) apresenta-se-nos particularmente aliciante, ao posicionar o enfoque na construção e distorção da memória e nos elementos míticos da tradição, considerando o mito não como algo a ser desmistificado e rejeitado, mas sim com um valor simbólico intrínseco enquanto “história colectivamente recordada”⁶. Assim, o principal desafio deste trabalho será apresentar uma proposta alternativa de análise e problematização da diáspora sefardita ocidental, aliando os estudos da diáspora às metodologias e conceitos dos estudos da memória (*memory studies*). Por essa razão, iniciaremos o artigo com uma breve abordagem de alguns conceitos operatórios deste campo de investigação. De seguida, passaremos ao nosso estudo de caso: três textos que relatam a memória familiar guardada sobre o momento zero da diáspora de três famílias da elite sefardita norte-americana: os Nunes Ribeiro, os Mendes Seixas e os Lopez. Confrontando os conteúdos das narrativas com os factos conhecidos por via da pesquisa de fontes primárias e secundárias, procuraremos discriminar os elementos recordados, esquecidos e/ou imaginados e questionar os critérios dessa selecção, bem como a sua relação com o contexto em que essa memória foi transmitida e reconstruída e com a agenda de quem a transmitiu e reconstruiu. Por fim, questionaremos se, no caso específico analisado, se verifica realmente uma “orientação para a pátria”, nos termos definidos por Brubaker.

2. Memória colectiva, memória familiar e pós-memória: uma breve introdução teórica

O conceito de memória colectiva, cunhado por Maurice Halbwachs em 1925, fundamenta-se na ideia de que nenhuma memória é concebível fora do quadro social em que o pensamento individual se desenvolve. Ao invés de transmitir um relato literal do passado, a acção de recordar implica a sua tradução ao contexto presente e é condicionada pelas diferentes pressões so-

“homeland”, assumindo o seu sentido mais clássico, a “terra dos pais”, e todo o pendor afectivo e mnemónico a ele associado. Veja-se CATROGA (2008).

⁶ ASSMANN (2008) 52, 68.

ciais a que o indivíduo se encontra sujeito. Se, por um lado, alguém só consegue recordar sob o ponto de vista do grupo, por outro lado, a memória do grupo apenas se concretiza e manifesta através das memórias individuais⁷.

Reflectindo sobre a conceptualização da memória colectiva, Jan Assmann distingue memória comunicativa (*communicative memory*) de memória cultural (*cultural memory*). A primeira é a memória do quotidiano, tem um horizonte temporal limitado (3-4 gerações), caracteriza-se pelo alto grau de instabilidade e informalidade e circula oralmente. O seu processo de fixação resulta na transição para a memória cultural, seja em potência, quando as representações do passado são guardadas em arquivos, bibliotecas ou museus; seja na realidade, quando essas mesmas representações são adoptadas pelo grupo e ganham novos sentidos em harmonia com os quadros sociais vigentes. A memória cultural, por sua vez, define-se na sua distância face ao quotidiano e é dotada de pontos fixos e imutáveis ao devir do tempo, as “figuras de memória” (*figures of memory*): textos, ritos, monumentos, práticas, etc⁸. A ideia de homogeneidade que transparece da interpretação da teoria de Assmann, tal como a de estaticidade emanada do conceito de “lugares de memória” fundamentado por Pierre Nora, tem dado lugar a uma profunda problematização preconizada pela chamada “terceira vaga” dos estudos da memória⁹.

O dinamismo e a errância do acto de recordar surge expresso no conceito de “memória em viagem” (*travelling memory*) concebido por Astrid Erll. O movimento inerente às diferentes dimensões do processo mnemónico — portadores, meios, conteúdos, práticas e formas — confere à memória não só a capacidade de transpor fronteiras e culturas, como também de se movimentar entre meios e mentes e de se reinterpretar e renovar constantemente¹⁰. Essa ideia de dinamismo, aliada à de pluralidade da memória colectiva (con-

⁷ HALBWACHS (1925).

⁸ ASSMANN (1995) 125-133.

⁹ Conceito divulgado por Pierre Nora na sua obra *Les lieux de mémoire* (1984-1992). Depois de Maurice Halbwachs ter inaugurado a primeira vaga dos estudos da memória, seguiu-se uma segunda fase nos anos 80 e inícios da década de 90 que teve como principais representantes Jan Assmann e Pierre Nora. A necessidade de uma releitura das concepções postuladas por estes dois autores deu origem à dita terceira vaga no início do século XXI, com Wulf Kansteiner e Astrid Erll como dois dos precursores. Veja-se FEINDT *et alii* (2014) 24-25, n. 2.

¹⁰ ERLI (2011) 4-18.

cebida por Halbwachs), são recuperadas e reinterpretadas na perspectiva do seu carácter inter-relacional por Gregor Feindt e a sua equipa, dando origem ao conceito de “memória enredada” (*entangled memory*). Segundo os autores, o “enredamento” da memória manifesta-se simultaneamente sob um prisma sincrónico, pois padrões de interpretação distintos e mesmo concorrentes moldam o entendimento de um determinado “significante mnemónico” (*mnemonic signifier*, qualquer figuração da memória socialmente relevante); e diacrónico, dadas as relações dinâmicas entre as acções de recordar e os padrões mnemónicos em permanente mudança ao longo do tempo¹¹.

Considerando esse carácter plural, dinâmico e inter-relacional, como é possível estudar a memória colectiva? Wulf Kansteiner sugere o enfoque na interacção com base no “triângulo hermenêutico” da memória colectiva: as tradições intelectuais e culturais que moldam a representação do passado; os produtores de memória que seleccionam e manipulam essas tradições; e os consumidores que usam, ignoram ou transformam esses artefactos conforme a sua própria agenda¹². Feindt e os colegas adiantam quatro propostas heurísticas: o acesso à memória através da inversão das relações temporais, partindo do presente para o passado (mnemografia); a conceptualização do conflito como uma ferramenta analítica, explorando polifonias; o entendimento das gerações como unidades funcionais de recepção, interpretação e transmissão de experiências e memórias; e o reconhecimento que os próprios estudos da memória são determinados pelas práticas mnemónicas do seu tempo¹³.

Para o nosso objecto de estudo, a questão do papel das gerações na construção e transmissão a memória colectiva surge-nos como essencial. Já em finais dos anos 20, Karl Mannheim, no seu ensaio seminal “Das Problem der Generationen”, reconhecia que o processo de transmissão de memória entre gerações é simultaneamente selectivo e criativo e, enquanto tal, uma pré-condição para a inovação, ao construir o cenário em que as novas experiências podem ser interpretadas¹⁴. A família é um dos quadros sociais em que a transmissão de memória de uma geração para a seguinte se processa¹⁵.

As histórias familiares, mais do que relíquias passadas de pais para

¹¹ FEINDT *et alii* (2014) 34-35.

¹² KANSTEINER (2002) 180.

¹³ FEINDT *et alii* (2014) 36-42.

¹⁴ MANNHEIM (1952) 293-296.

¹⁵ HALBWACHS (1925) 199-242.

filhos, constituem produções culturais que são fruto da negociação intergeracional sobre o que merece ser recordado e o que deve ou pode ser esquecido¹⁶. Por vezes, é nas gerações posteriores aos acontecimentos que reside a iniciativa da preservação e transmissão da memória. Eva Hoffman identificou-o, em particular, no caso de “passados difíceis” (*difficult pasts*), eventos traumáticos — a autora foca-se no caso do Holocausto — com que a geração posterior procura estabelecer uma ligação e reclamar esse legado trágico¹⁷. Esta relação da segunda geração com experiências que antecederam o seu nascimento foi traduzida por Marianne Hirsch no conceito de pós-memória (*postmemory*). Transmitidos num ambiente de afecto, normalmente dentro do seio familiar, os eventos marcantes ou mesmo traumáticos da geração anterior são assumidos pelo sujeito e tornam-se memórias em si¹⁸. Essa transmissão — como já havia notado Mannheim — engloba também criação. Michael Pickering e Emily Keightley usam o termo imaginação mnemónica (*mnemonic imagination*) para designar o modo como a experiência passada, própria ou alheia, é qualificada, adaptada, refinada e re-sintetizada em novos entendimentos. As narrativas das segundas gerações demonstram a imaginação mnemónica a operar num plano vertical, através das relações dialéticas de continuidade e ruptura, de identificação e reconhecimento da diferença com o conteúdo transmitido pela geração anterior; mas também horizontal, pois a síntese operada pela imaginação cria a possibilidade de reconhecimento entre contemporâneos de uma experiência comum, a qual poderá alicerçar um sentido de comunidade de memória¹⁹.

Desta forma, os mecanismos da pós-memória alicerçam a consolidação das identidades diaspóricas. Sandra So Hee Chi Kim desenvolve esta ideia ao notar como a estrutura da pós-memória, dependente da dinâmica familiar, confere a intersubjectividade necessária à existência fenomenológica de grupos como as diásporas. Segundo a autora, os laços familiares são o condutor essencial para a formação da consciência diaspórica, nomeadamente para a transmissão do vínculo afectivo a uma pátria com a qual nunca existiu um

¹⁶ BARNWELL (2019) 402.

¹⁷ HOFFMAN (2000) 7-8.

¹⁸ HIRSCH (2008) 106-107.

¹⁹ PICKERING & KEIGHTLEY (2012) 121-123.

contacto físico. Assim, a segunda geração herda dos pais as experiências e sentimentos de alienação, perda e nostalgia face à terra-mãe. Porém, como salienta Kim, a cadeia de herança (*chain of inheritance*) raramente se interrompe nessa segunda geração²⁰.

Os três textos que se seguem demonstram a persistência intergeracional de uma ideia de pátria que se constrói e reconstrói num diálogo permanente com as categorias, imaginários e necessidades das diferentes gerações que a recordam.

3. As narrativas

Antes de passarmos aos textos, façamos uma breve resenha sobre o contexto dos eventos recordados e do processo de transmissão da memória. Os acontecimentos narrados nas três memórias familiares que iremos analisar situam-se naquela que podemos considerar ser a segunda fase da diáspora sefardita na América do Norte britânica. Embora os primórdios da presença judaica no território recuem a meados do século xvii e à emblemática chegada do navio *St. Catrina* ao porto de Nova Amesterdão na véspera do *Rosh Hashanah* de 1654, trazendo a bordo 23 judeus refugiados do Recife, só em 1728 foi edificada a primeira sinagoga das colónias norte-americanas, a Shearith Israel (“Restos de Israel”), em Nova Iorque²¹. Esta *décalage* é ilustrativa da lenta consolidação da presença judaica na América colonial. Pela data da construção da Shearith Israel, já existiam pequenas comunidades em Newport, Charleston e Filadélfia, embora ainda incipientes e sem organização comunal. Só ao longo da segunda metade do século, estas ganharam dimensão e poder económico suficiente para suportar a organização de estruturas congregacionais e a construção de templos próprios para o culto. Anos antes, surgira uma nova comunidade no extremo sul dos domínios britânicos na América do Norte. Em 1733, um grupo de 42 judeus, oriundos de Londres, chegou a Savannah, na recém-fundada colónia

²⁰ KIM (2007) 346-350.

²¹ Sobre o início da presença judaica na América do Norte, veja-se, entre outros, OPPENHEIM (1909), HERSHKOWITZ (2005) e ROCK (2012) 5-41. Para uma síntese sobre a evolução das comunidades judaicas antes da Revolução Americana, veja-se STERN (1992), FABER (1992) e VIEIRA (2016), entre outros.

da Geórgia²². Entre eles encontrava-se Samuel Nunes Ribeiro, o protagonista da primeira narrativa que iremos analisar de seguida. As circunstâncias que motivaram o envio deste grupo de colonos judeus espelham as profundas mudanças vividas então pela comunidade de Londres.

Nos últimos treze anos, tinham chegado à capital britânica cerca de 1500 cristãos-novos oriundos de Portugal e Espanha que passaram a integrar a congregação Sha'ar Hashamayim ("Portas do Céu")²³ — uma cifra que ganha outra expressão ao considerar-se que, por volta de 1720, o número de judeus a residir em Londres rondava o milhar²⁴. Este crescimento demográfico súbito trouxe dificuldades à sustentabilidade financeira da comunidade. O número de pobres dependentes da assistência das estruturas comunais evoluiu a um ritmo muito superior ao de membros capazes de contribuir para os cofres da congregação. Uma das soluções encontradas para este dilema passou pelo desenvolvimento e melhor regulamentação dos mecanismos de assistência e organizações caritativas. Outra resposta consistiu no incentivo à emigração rumo às colónias britânicas da América do Norte e Caraíbas²⁵. É neste contexto que se enquadra a organização da viagem da escuna *William & Sarah* que aportou em Savannah em 1733.

A vaga migratória rumo a Londres nas décadas de 20 e 30 de Setecentos reflectiu o recrudescer da perseguição inquisitorial em Portugal e Espanha. O século abria com uma vaga repressiva cujos números nunca mais se voltariam a igualar. Entre 1704 e 1706, os três tribunais do reino emitiram perto

²² Sobre a colonização judaica de Savannah, veja-se STERN (1963), BARNETT (1971) e GREENBERG (2002).

²³ A.S. Diamond estima este valor a partir do número de *ketubot* (contratos matrimoniais) celebrados na congregação londrina de casais identificados como "vindos de Portugal" ou "vindos de Espanha". Tratavam-se de casais que, ao chegar a Inglaterra e ao integrar a comunidade judaica, consagravam então a sua união segundo o ritual judaico. Diamond contabiliza 106 *ketubot* nessas circunstâncias celebrados entre 1720/21 e 1733/34, de um total de 303. Ao multiplicar esse número por dois e adicionando uma estimativa do número de filhos, bem como de outros indivíduos não contemplados nos registos de *ketubot* — viúvos, celibatários, casais que não celebraram o *ketubah* — Diamond estimou o número de 1500 cristãos-novos ibéricos chegados a Londres durante este período. DIAMOND (1968) 40, 60. Richard D. Barnett considera que este número peca por defeito e estima que, ao longo de todo o século XVIII, o número de imigrantes cristãos-novos oriundos de Portugal e Espanha teria atingido os três milhares. BARNETT (1971) 79-80.

²⁴ DIAMOND (1968) 40.

²⁵ Veja-se LIEBERMAN (2017) e (2019).

de 650 sentenças. Só no auto-da-fé celebrado a 12 de Setembro de 1706 em Lisboa saíram 111 réus, 108 deles cristãos-novos²⁶. No rescaldo desta onda de prisões, uma nova incursão do tribunal atingiu com particular veemência a comunidade cristã-nova do Rio de Janeiro no início da segunda década do século²⁷. Muitos dos que tinham sido penitenciados durante estes anos, ou assistido à prisão de quem lhes era mais próximo, voltaram a sentir a ameaça do cárcere quando, em 1725, se iniciou o “sobressalto de moribundo” da Inquisição portuguesa, como apelidou Veiga Torres a última grande vaga repressiva contra os cristãos-novos do reino²⁸. Entre 1726 e 1732, a média de sentenciados pelo tribunal de Lisboa rondou os 66 por ano, a grande maioria residentes em Lisboa e no eixo Covilhã-Guarda-Celorico da Beira. Em autos públicos e privados, a Inquisição de Coimbra emitiu mais de 280 sentenças entre 1726 e 1728²⁹. Também em Espanha, a última grande investida do Santo Ofício contra alegados judaizantes prolongou-se por toda a década de 20. Segundo Henry Charles Lea, nos 64 autos-da-fé celebrados pelos tribunais espanhóis entre 1721 e 1727, dos 868 réus que saíram penitenciados, 820 eram acusados de “Judaísmo”³⁰.

Em suma, foram estas últimas vagas de prisões em Portugal e Espanha que desencadearam o grande movimento migratório com destino a Inglaterra. Tal torna-se evidente nos números da congregação judaica de Londres, mas também nas denúncias de fuga (ou tentativas de) que se multiplicam ao longo dos processos inquisitoriais e dos cadernos do promotor. Uma parte significativa dos que então embarcaram para fora do reino já haviam sido processados no passado e escapavam assim a uma potencial e possivelmente fatal segunda prisão. Entre os fugitivos que embarcaram ou tentaram embarcar em Lisboa, encontramos portugueses, mas também vários espanhóis.

²⁶ TORRES (1978) 66; Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), Reservados, cod. 863: *Collecção de Listas impressas e manuscritas dos Autos de fé publicos e particulares da Inquizição de Lisboa corrigida e annotada por António Joaquim Moreira*, fls. 358-367v.

²⁷ A 9 de Julho de 1713, no auto-da-fé que se celebrou no Rossio, dos 141 réus penitenciados, 72 eram oriundos do Rio de Janeiro. No auto anterior, em 1711, os fluminenses já haviam constituído mais de metade dos 104 penitenciados. *Collecção de Listas impressas e manuscritas*, fls. 395-399.

²⁸ TORRES (1978) 58.

²⁹ MENDONÇA & MOREIRA (1980); *Collecção de Listas impressas e manuscritas*, fls. 429-442v.

³⁰ LEA (1907) 309.



A capital portuguesa tornara-se num ponto de partida privilegiado, com as naus de guerra e paquebotes ingleses a servir de principais veículos de fuga. A consolidação da aliança luso-britânica após a Guerra da Sucessão de Espanha e os tratados de 1703 criara um cenário favorável à mobilidade entre os dois reinos, quer legal, quer clandestinamente³¹. É esta Lisboa de medo e evasão que perdurou na memória de três famílias da elite sefardita norte-americana. E é aos seus descendentes que vamos agora dar voz.

3.1. A história de Zipporah Nunes

Aos sete anos de idade, Mordecai Manuel Noah (1785-1851) ficou órfão de mãe e, junto com a irmã Judith, mudou-se de Charleston para a casa dos avós maternos Jonas e Rebecca Phillips, em Filadélfia. Foi ali que passou a infância, partilhando o tecto com os tios mais novos e com a bisavó Zipporah Nunes³². Anos mais tarde, recordá-la-ia como uma mulher notável, fluente em várias línguas e que conseguira conservar resquícios da beleza de outrora (“a beautiful set of teeth, unimpaired”) até à morte, com a propecta idade de 90 anos. Bem conservada também permaneceu a memória de uma juventude vivida sob o flagelo da perseguição inquisitorial. Noah recordava a bisavó a recitar uma oração em silêncio sempre que o relógio batia as horas, “which had some reference to her imprisonment in the Inquisition”³³. Talvez numa dessas ocasiões, ela partilhou com o bisneto a fuga extraordinária da família de Portugal.

O protagonista da história é o pai de Zipporah, o “Dr. Samuel Nunez”, membro de uma distinta família de Lisboa e médico de prestígio. A distinção, porém, não o livrou das denúncias de heresia, movidas por invejas e rivalidades. Assim, ele e a família acabaram presos nos calabouços da Inquisição³⁴.

³¹ As circunstâncias desta mobilidade entre Lisboa e Londres na primeira metade do século XVIII será desenvolvida num livro que iremos publicar em breve.

³² BEN-UR (2001) 374.

³³ WHITE (1849) 620. A narrativa sobre Zipporah Nunes e o pai Samuel Nunes Ribeiro surge reproduzida em BARNETT (1976) 59-61.

³⁴ “Dr. Samuel Nunez, whose name belonged to a distinguished family in Lisbon, was a physician of eminence, and had an extensive practice, even in times when the Jews of that city were under the surveillance of the Inquisition. Jealously and rivalry, however, caused him to be denounced to that dreadful tribunal, and himself and family were arrested as heretics, and thrown into the dungeons of

Porém, o Dr. Nunes contava com um aliado no interior do tribunal — o próprio inquisidor-geral, de quem era médico pessoal. Foi este quem sensibilizou o “ecclesiastical council” a dar ordens para que o médico fosse solto, dada a necessidade dos seus serviços na cidade. Contudo, a liberdade foi concedida sob uma condição: dois oficiais da Inquisição passariam a viver em permanência na sua casa.

O Dr. Nunes residia numa grande e elegante mansão junto ao Tejo e, homem de grande fortuna, tinha o hábito de organizar recepções para as principais famílias de Lisboa. Num agradável dia de Verão, o médico convidou um grupo para jantar. Entre os convidados, encontrava-se o capitão de um bergantim inglês ancorado no rio, não muito longe da sua casa.

While the company were amusing themselves on the lawn, the captain invited the family and part of the company to accompany him on board the brigantine, and partake of a lunch prepared for the occasion. All the family, together with the spies of the Inquisition, and a portion of the guests, repaired on board the vessel; and while they were below in the cabin, enjoying the hospitality of the captain, the anchor was weighed, the sails unfurled, and the wind being fair, the brigantine shot out of the Tagus, was soon at sea, and carried the whole party to England.

O zarpar do bergantim com os convidados a bordo não apanhou o Dr. Nunes e a família de surpresa. Ele próprio orquestrara essa fuga com o capitão inglês a troco de mil moedas de ouro. Tudo estava planeado, inclusive o esquema para colocar parte da sua fortuna a salvo:

The ladies had secreted all their diamonds and jewels, which were quilted in their dresses, and the doctor having previously changed all his securities into gold, it was distributed among the gentlemen of the family, and carried around them in leather belts. His house, plate, furniture, servants, equipage, and even the dinner cooked for the occasion, were all left, and were subsequently seized by the Inquisition and confiscated to the State.

Mordecai Manuel Noah partilhou esta história com George White (1802-1887), ministro anglicano apaixonado pela história e arqueologia do estado da Geórgia, que a incluiu numa adenda à sua obra *Statistics of the State of Georgia* (1849). Afinal, a história da bisavó Zipporah Nunes não termina

na fuga de Portugal. A narrativa prossegue com a mudança da família para a Geórgia, a bordo do mesmo navio que conduziu o primeiro governador, James Oglethorpe (1696-1785), até à nova colónia. Apesar dos diferentes caminhos tomados pelos descendentes do Dr. Nunes, algo continuou a uni-los: “the whole family were rigid in their attachment to the doctrines of their faith”. Em Savannah, Charleston, Filadélfia e Nova Iorque, os Nunes mantiveram-se “all of them of the Hebrew persuasion at this day”.

O confronto da memória de Noah com o que a documentação nos revela permite constatar como alguns detalhes da história do seu antepassado português caíram no olvido. Em primeiro lugar, o seu nome. Samuel era o nome que o trisavô de Noah adoptou ao chegar a Londres, mas foi como Diogo que recebeu a água do baptismo na igreja de Nossa Senhora da Conceição de Idanha-a-Nova a 16 de Julho de 1668³⁵. Em segundo lugar, nenhuma data sobreviveu à transmissão oral da história. A prisão de Diogo Nunes Ribeiro ocorreu a 23 de Agosto de 1703, o mesmo dia em que a esposa, Grácia Caetana da Veiga, e vários parentes entraram nos cárceres inquisitoriais³⁶. Em Outubro, também o pai, Manuel Henriques de Lucena, foi detido pela Inquisição de Lisboa³⁷.

De facto, por essa altura, o Dr. Nunes Ribeiro já gozava de uma sólida reputação como médico³⁸. Começara a sua carreira na Guarda e ainda passou por Abrantes antes de se estabelecer em Lisboa na Primavera de 1698. Pouco mais de um ano depois, em Junho de 1699, casou-se com Grácia Caetana da Veiga. Porém, nenhuma evidência documental confirma que alguma vez tenha servido de médico pessoal do inquisidor-geral, ao tempo D. Frei José de Lencastre. Além disso, o inventário de bens do seu processo inquisitorial espelha uma vida modesta e sem luxo que contrasta com a imagem faustosa

³⁵ Arquivo Distrital de Lisboa (ADL), Paróquia de Idanha-a-Nova, Livro de Registo de Baptismos (1650-1676), fl. 256v.

³⁶ Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Tribunal do Santo Ofício (TSO), Inquisição de Lisboa, proc. 3054 (Grácia Caetana da Veiga). No mesmo dia 23 de Agosto de 1703, também foi presa a mãe de Grácia, Isabel Maria da Veiga (proc. 3039), as irmãs Francisca Soares da Veiga e Teresa Eugénia da Veiga (procs. 3258 e 2987) e os primos Maria de Melo Rosa e Simão Lopes Samuda (procs. 998 e 2784).

³⁷ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 1953.

³⁸ As informações seguintes, salvo quando indicado o contrário, constam do processo de Diogo Nunes Ribeiro: ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 2367.

transmitida pelo trineto: nenhum imóvel, só alguma mobília, livros de Medicina e uma mula. Da mesma forma, nenhum indício corrobora as circunstâncias que Noah alega terem motivado a resolução do processo — nem a necessidade dos seus serviços médicos em Lisboa, nem o alegado favorecimento do inquisidor-geral. Durante perto de um ano, o Dr. Nunes Ribeiro resistiu a confessar. Quando começou a admitir supostas práticas judaizantes, os inquisidores consideraram a sua confissão insuficiente e sujeitaram-no a tormento. Saiu reconciliado com cárcere e hábito penitencial perpétuo no auto-da-fé de 19 de Outubro de 1704, mas voltou à mesa vários meses depois, a 14 de Maio de 1706, para completar a sua confissão. Nove dias antes, a esposa, a sogra e as cunhadas haviam regressado aos cárceres e ele tentava, assim, adiantar-se à acção do tribunal.

Além de ignorar a persistência do ímpeto persecutório do Santo Ofício sobre a família do Dr. Nunes Ribeiro, a narrativa de Noah acrescenta um detalhe sem qualquer suporte factual — os dois oficiais da Inquisição incumbidos de vigiar o comportamento do médico no interior da sua própria casa. Na realidade, eram outros os olhos que lhe perscrutavam os passos. Em Fevereiro de 1716, uma paciente do Dr. Nunes Ribeiro, D. Bernarda Josefa de Miranda, freira no Mosteiro de São Bernardo na vila de Cós, acusou-o de quebrar o segredo por ter afirmado que os inquisidores “favoreçam a quem lhes pareça” e que até lhe podiam ter dado “algum signal para que elle entendesse o porque estava prezo, pois lhe tinham alguma obrigação para lho fazerem”³⁹. A memória dos sofrimentos do cárcere tornava o rancor difícil de silenciar. O sobrinho António Nunes Ribeiro Sanches, em carta ao Dr. Manuel Pacheco de Sampaio Valadares, recordaria, anos mais tarde, as críticas aos procedimentos da Inquisição que o tio não cessava de partilhar consigo, na tentativa de o convencer a abandonar a fé cristã⁴⁰.

Em meados da década de 20, a situação tornara-se insustentável. A nova vaga de prisões ameaçava os Nunes Ribeiro e a fuga parecia ser a

³⁹ Denúncia a 24 de Fevereiro de 1716. ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, liv. 277 (Caderno do Promotor n.º 83), fls. 325-325v.

⁴⁰ Ribeiro Sanches refere que, para melhor o convencer, o tio lhe mostrara um manuscrito sobre a origem e a estrutura político-económica e jurídica da Inquisição. LEMOS (1913) 95-96. Transcrição de original conservado na Biblioteca Pública de Évora, ms. CX/1-13.

melhor solução. Mais uma vez, a documentação não confirma os pormenores mais romanescos da narrativa de Noah. Porém, dá-nos uma data: 16 de Junho de 1726. Era um domingo e, com festa ou sem festa, a verdade é que Diogo Nunes Ribeiro embarcou num paquebote com destino a Inglaterra. Partiu “com sua casa e família” e mais um grupo de cristãos-novos, como testemunhou um familiar do Santo Ofício, João Mendes de Almeida, a quem havia sido incumbida a missão de proceder à prisão de D. Maria Coutinha, uma das fugitivas⁴¹. A família do Dr. Nunes Ribeiro era então constituída pela esposa e por 6 filhos, entre eles Maria Caetana, *alias* Zipporah, a bisavó de Noah⁴². Maria Caetana tinha então cerca de 16 anos de idade e, ao contrário do que contou ou sugeriu ao bisneto, nunca chegou a conhecer por dentro os cárceres da Inquisição. Sendo verídica a memória de Noah, a lembrança traumática de um evento não vivido que Zipporah evocava a cada hora constitui um exemplo extremo de pós-memória, segundo o conceito de Marianne Hirsch.

A 22 de Julho, pouco mais de um mês após ter partido de Lisboa, Diogo Nunes Ribeiro foi circuncidado em Londres pelo *mohel* Isaac de Paiba, numa cerimónia apadrinhada por Isaac de Sequeira Samuda, *alias* Simão Lopes Samuda, primo de Grácia Caetana⁴³. A 8 de Agosto, o casal assinou o *ketubah* sob o testemunho do próprio rabi David Nieto⁴⁴. Nunes Ribeiro não chegou indigente a Londres, mas os seus haveres seriam modestos, pois só lhe foi exigida a finta mínima ao ingressar na congregação⁴⁵. As jóias escondidas

⁴¹ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, liv. 289 (Caderno do Promotor n.º 96), fls. 187-190. Também embarcaram no mesmo paquebote, três irmãos — o médico Diogo Cardoso, Manuel Cardoso e Francisca Coutinha — e mais dois filhos de Maria Coutinha, Silvestre e Teresa.

⁴² Os outros filhos de Diogo Nunes Ribeiro e Grácia Caetana eram: Isabel Maria da Veiga (*alias* Rachel Soares Bivar), Manuel Nunes Ribeiro (*alias* Moses Nunes Ribeiro), André Nunes Ribeiro (*alias* Daniel Nunes Ribeiro), Rodrigo Lopes da Veiga (*alias* Joseph Nunes Ribeiro) e Teresa Eugénia da Veiga (*alias* Ester de Leon). ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 3692 (Teresa Eugénia da Veiga), fl. 44; STERN (1991) 234.

⁴³ BARNETT (1991) 62. O pai de Grácia Caetana, André de Sequeira, era meio-irmão de Rodrigo Machado de Sequeira, o pai de Simão Lopes Samuda.

⁴⁴ BARNETT (1949) 76. London Metropolitan Archives (LMA), Spanish and Portuguese Jew's Congregation (S&P), *Book of ketubot*, 5482 to 5488, LMA/4521/A/02/03/004. Relativamente a este e outros documentos deste fundo, agradecemos a permissão para a sua consulta concedida pelo Board da S&P Sephardi Community of London.

⁴⁵ LMA, S&P, *Minute book: the Mahamad*, 1 Tisry 5484 to 27 Adar 5551, LMA/4521/A/01/03/001, fl. 30v. A finta consistia numa contribuição obrigatória paga por todos os membros de pleno direito e com

nos vestidos das senhoras e as barras de ouro à cinta dos cavalheiros seriam, possivelmente, mais um fruto da “imaginação mnemónica” de Noah ou da bisavó Zipporah.

Contudo, através do exercício da medicina, o Dr. Nunes Ribeiro conseguiu equilibrar gradualmente a sua situação financeira, ao mesmo tempo que conquistava o reconhecimento dos seus irmãos da congregação Sha’ar Hashamayim. A 22 de Março de 1730, o *Mahamad* (órgão governativo da congregação) nomeou-o ajudante do médico da *sedaca* e, no ano seguinte, ele tornou-se num dos três médicos da Hebra, a irmandade que garantia a assistência médica aos membros pobres da comunidade⁴⁶.

Nem a aparente estabilidade profissional, nem os 65 anos de idade demoveram o Dr. Nunes Ribeiro de, em Janeiro de 1733, subir a bordo do *William & Sarah* e aventurar-se numa travessia transatlântica. Infelizmente, a estória do trineto não nos adianta as razões que o teriam conduzido a tal decisão. Aliás, nesta passagem do enredo, Noah volta a equivocar-se, voluntária ou involuntariamente, ao afirmar que o trisavô seguiu para a Geórgia a bordo da mesma embarcação que levou o governador Oglethorpe. Na realidade, o Dr. Nunes Ribeiro acompanhou o primeiro grupo de colonos judeus que se estabeleceu em Savannah. Apesar da resistência do Common Council of Trustees of Georgia em aceitar a fixação do grupo na colónia, a longa distância que dificultava a comunicação entre Londres e Savannah acabou por jogar a favor dos colonos judeus, que conseguiram ver assegurada a concessão de terras e a possibilidade de erigirem uma congregação no novo destino, a Mikveh Israel. Porém, em 1739, a eclosão da Guerra da Orelha de Jenkins, opondo as forças espanholas e britânicas em solo norte-americano, fez ecoar a ameaça do avanço do domínio castelhano para norte da Florida e, com este, a sombra da perseguição inquisitorial. Então, a maior parte dos judeus que se tinham estabelecido em Savannah ao longo dos anos anteriores

recursos suficientes para o seu sustento, a qual era calculada trianualmente conforme os rendimentos individuais. Em 1707, os regulamentos da congregação (*ascamot*) situaram o valor mínimo da finta em 10 xelins e o máximo em 15 libras. LMA, S&P, *Book of Ascarnot passed 5493*, LMA 4521/A/01/01/005, §10.

⁴⁶ *Ibid.*, fl. 55; LMA, S&P, *Mahamad and Treasurer’s correspondence (1701-1792)*, LMA/4521/A/01/16/002, doc. 58. Samuel Nunes Ribeiro era responsável pela assistência de 62 das 254 famílias pobres contempladas pelos outros serviços da *Hebra*. Os outros dois médicos da *Hebra*, em 1731, eram David de Chaves e Abraham Fernandes Lopes.

abandonaram casas e terras e rumaram a paragens mais seguras. Samuel Nunes Ribeiro, acompanhado pelos filhos, seguiu para Charleston em Agosto de 1740. Pouco tempo depois, voltou a fazer-se a caminho, desta vez em direcção a Nova Iorque, onde encontrou a sua última morada ainda no decorrer desse ano⁴⁷.

3.2. A fantástica fuga do progenitor dos Mendes Seixas

Entre os papéis pessoais de Moses Solomons (1830-1883), o rabi Jacques Judah Lyons (1814-1877) encontrou a seguinte nota relativa às origens de uma das mais ilustres famílias sefarditas de Nova Iorque:

An incident (traditional in the Seixas' family) of the days when the emisaries of the Inquisition spread terror and sorrow by their sudden appearance within the peaceful and happy home of some suspected Jew is related substantially as follows. The progenitor of this now very numerous family had a faithful servant who was a man of great physical strength and when the minions of the "Holy Office" entered the grounds of his master, he hastened to warn him of the danger and together they hurriedly looked around for a place of concealment. Seeing no safety by remaining on the premises, the loyal servant hid him beneath the clothing that lay in a large pannier (basket) used for conveying the garments to the water-side for the periodical cleansing, and carried him in the basket away from the house on his back to a place of security, concealing him until he could secretly leave the country for England, where his family joined him as soon as they could do so with safety and secure what property they could make portable⁴⁸.

Este apontamento, transcrito por Lyons a partir do original guardado por um sobrinho de Solomons, permaneceu oculto no arquivo familiar até 1920, quando foi publicado no periódico *Publications of the American Jewish Historical Society (PAJHS)*, num número especial contendo transcrições e resumos dos manuscritos da colecção do rabi, actualmente depositada no Center for Jewish History, em Nova Iorque⁴⁹.

Moses Solomons era neto de Gershom Mendes Seixas (1745-1816), o primeiro *hazan* nascido na América do Norte e líder espiritual das

⁴⁷ Veja-se STERN (1963), BARNETT (1971) e GREENBERG (2002).

⁴⁸ "The Lyons Collection" (1920) 346.

⁴⁹ Em nota, é referido que os papéis de Moses Solomons se encontravam então na posse do sobrinho Lucius Levy Solomons, residente em São Francisco.

comunidades de Nova Iorque e Filadélfia⁵⁰. Talvez pela maior distância em relação aos acontecimentos narrados, a história guardada por Solomons é ainda mais vaga em pormenores do que a memória de Noah sobre o trisavô Samuel Nunez. Não há um nome, um local e, muito menos, uma data. A transmissão oral, geração após geração, levou ao desvanecimento dos detalhes factuais. Numa carta à filha Sarah Kursheedt, Gershom Mendes Seixas descrevia as festividades do último Purim e como, entre iguarias e brincadeiras, havia entretido as crianças “with quite a romantic biographical history”⁵¹. Talvez numa dessas ocasiões, Gershom teria contado aos filhos e aos netos a história da fuga romanesca do seu antepassado português. Mas quem era este misterioso fugitivo?

O primeiro elemento da família a chegar à América foi o pai de Gershom, Isaac Mendes Seixas (1709-1780), em 1738. Contudo, não é ele o “progenitor” dos Seixas referido na estória, mas sim o pai, Abraham Mendes Seixas. A sua fuga para Inglaterra teria ocorrido entre 1724 e 1725, considerando que a primeira notícia que temos dele em Londres data de 25 de Fevereiro de 1725 e se refere à sua circuncisão. A 28 de Março, oficializava o casamento com a esposa, Abigail Mendes Seixas, pelo ritual judaico⁵². A integração na comunidade judaica foi bem sucedida e, poucos anos após a sua chegada, Abraham já assumia cargos cimeiros na orgânica da congregação. Em 1727, foi nomeado *parnas* (administrador) da *Hebra* e, cinco anos mais tarde, desempenhou funções como tesoureiro da sociedade *Heshaim*, a escola da congregação. Nos anos de 1730-31 e 1735-36, ascendeu à posição de *parnas*, a mais elevada da estrutura administrativa da Sha’ar Hashamayim⁵³. Aliás, no decorrer do segundo mandato, coube-lhe, em conjunto com os outros

⁵⁰ Veja-se, entre outros, KESSNER (1969) e MARCUS (1970). Moses Solomons era filho de Lucius Levy Solomons (1803-1830) e Selina Seixas (1806-1883), filha de Gershom Mendes Seixas. STERN (1991) 264, 276.

⁵¹ POOL (1939) 196. Os originais encontram-se depositados no Center for Jewish History, em Nova Iorque (Seixas family papers P-60) e estão acessíveis online em http://digipres.cjh.org:1801/delivery/DeliveryManagerServlet?dps_pid=IE118219.

⁵² BARNETT (1949) 75; BARNETT (1991) 38.

⁵³ LMA, S&P, *Minute book: the Mahamad, 1 Tisry 5484 to 27 Adar 5551*, LMA/4521/A/01/03/001, fls. 35v, 55, 80v, 96v. O *Mahamad* era composto por quatro *parnasim* e um *gabay* (tesoureiro), eleitos anualmente por todos os *yehidim* (membros de pleno direito da congregação, que pagavam as contribuições obrigatórias). A presidência do *Mahamad* era rotativa entre os dois *parnasim* mais velhos.



parnassim que integravam o *Mahamad*, a nomeação do sucessor do Dr. Samuel Nunes Ribeiro na *Hebra*, após a sua partida para a Geórgia. A escolha recaiu sobre um outro exilado português, o Dr. Abraham Machado de Sequeira⁵⁴.

Abraham Mendes Seixas viria a falecer em Março de 1738⁵⁵, não sem antes assinar o testamento em que atribuiu a administração do seu património aos genros Daniel Mendes Seixas e Rodrigo Pacheco e praticamente deserdou o seu primogénito Isaac. O patriarca, “for reasons better known to myself” (nas suas próprias palavras), limitou a herança de Isaac a £50 e a uma anuidade de £30 gerida pelos cunhados. No testamento, acrescentava que o filho só poderia aceder ao resto da herança depois de casar e caso a união tivesse o aval dos dois executores testamentários⁵⁶. Tal nunca chegou a acontecer, nem após se ter casado dois anos mais tarde, em Nova Iorque, com Rachel Levy. Aliás, a decisão de partir rumo à América foi decerto motivada pela situação de dependência financeira a que o testamento do pai o votara. A mudança para Nova Iorque representou a oportunidade de um recomeço longe do controlo familiar.

Mas regressemos ao “progenitor” dos Seixas: quem seria Abraham Mendes Seixas antes de se estabelecer em Londres? Há alguns anos, procurámos uma resposta a esta questão e a pesquisa conduziu-nos até um nome: António Mendes Seixas, mercador natural de Celorico da Beira que, por volta de 1709, se fixou em Lisboa⁵⁷. As circunstâncias que antecederam a sua partida de Portugal encontram muitas semelhanças com o caso do Dr. Nunes Ribeiro. Tal como este, também António Mendes Seixas fora alvo de processo inquisitorial durante a vaga de prisões de início do século. A 18 de Setembro de 1703, entrou nos cárceres da Inquisição de Lisboa, denunciado por dois mercadores que também haviam delatado o médico: José Nunes

⁵⁴ LMA, S&P, *Contract book*, 1732-1762, LMA/4521/A/01/19/001, n.º 20. Abraham de Sequeira Machado, *alias* Francisco de Sequeira Machado, era um médico do Rio de Janeiro que chegou a Londres por volta de 1731, vindo de Lisboa. Mais informação no website *Nation Between Empires*, <https://nationbetweenempires.wordpress.com/vindos-de-portugal/sequeira/>

⁵⁵ RODRIGUES-PEREIRA & LOEWE (1997) 7.

⁵⁶ The National Archives, Public Record Office, PROB 11/689/18. Veja-se a transcrição deste e de outros documentos relativos à família Mendes Seixas na página do projecto Raizes, no *website* da Cátedra de Estudos Sefarditas Alberto Benveniste, <http://www.catedra-alberto-benveniste.org/proj-raizes.asp>

⁵⁷ Veja-se VIEIRA (2015).

Chaves e Gaspar Mendes Henriques. O processo prolongou-se por pouco mais de 13 meses e António saiu reconciliado no mesmo auto em que o trisavô de Mordecai Noah também escutou a sua sentença, a 19 de Outubro de 1704⁵⁸.

Após a prisão, António regressou a Celorico da Beira e, a 23 de Abril de 1706, casou com uma prima afastada, Beatriz Mendes da Silva. Por essa data, o casal já tinha uma filha, Ana, nascida no mês de Fevereiro⁵⁹. As prisões continuavam a multiplicar-se entre parentes e conhecidos, razão que terá motivado a mudança da família para Lisboa, cidade onde viria a nascer Rafael, *alias* Isaac Mendes Seixas. Mas nem na capital conseguiram encontrar a paz desejada. O nome de António continuava a ser ouvido na mesa da Inquisição. A 30 de Agosto de 1712, o seu sócio Manuel Henriques da Silva apresentou-se nos Estaus e admitiu a comunicação da “Lei de Moisés” com pessoas da sua casa⁶⁰. Anos mais tarde, a 27 de Fevereiro de 1715, um antigo criado do tempo em que os Seixas ainda viviam em Celorico, confidenciou a um comissário do Santo Ofício que, enquanto serviu na sua casa, viu uma enteada de António, Leonor Mendes, a sangrar a carne que chegava do açougue. Dizia fazê-lo por “uso da Lei de Moisés”⁶¹. Os números de prisões tinham caído em Lisboa nos últimos anos, mas o clima de suspeição mantinha-se vivo. Em 1723, António cooperou na fuga de uma mulher, D. Mariana de Mendonça, para França⁶². É provável que, por essa altura, já arquitectasse uma forma de também escapar com a família. De facto, quando os cárceres de Lisboa e Coimbra voltaram a encher-se de parentes e conhecidos em 1725, António, a esposa e os filhos já se encontravam a salvo em Londres.

Nada sabemos sobre as circunstâncias da partida dos Seixas de Lisboa. Viviam então na Rua da Tarouca, na freguesia de Santa Justa. 1724 é o último ano em que os seus nomes surgem registados nos róis de confessados daquela paróquia⁶³. Portanto, é provável que a partida de Portugal tenha decorrido

⁵⁸ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 13252.

⁵⁹ ADL, Paróquia de Santa Maria de Celorico da Beira, Livro de Registos Mistos, 1692-1711, fls. 103; Livro de Registo de Baptismos 1706-1718, fl. 2.

⁶⁰ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 4157, fls. 15-15v. Manuel Henriques da Silva denuncia as irmãs Maria e Ana Mendes, parentes de António Mendes Seixas, que viviam então na sua casa em Lisboa.

⁶¹ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, liv. 276 (Cadernos do Promotor n.º 82), fls. 394-394v. Leonor Mendes era filha do primeiro casamento de Beatriz Mendes da Silva, com Tomé Vaz.

⁶² ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 8766 (Gaspar Lopes da Costa), fl. 113.

⁶³ Arquivo Histórico do Patriarcado de Lisboa, Paróquia de Santa Justa, Róis de Confessados, liv.

ainda durante esse ano ou, no máximo, em Janeiro de 1725. Contudo, é menos plausível uma fuga improvisada e com a Inquisição no encalço, como a que ficou perpetuada na memória familiar. Não encontramos nenhuma ordem de prisão dirigida a António Mendes Seixas, nem sequer matéria de acusação que a justificasse naquele ano de 1724. Além disso, antes de partir, ainda houve tempo de providenciar a salvaguarda de parte dos seus bens, visto que o patriarca dos Seixas chegou a Londres com recursos suficientes para, ao ingressar na congregação, ser fintado com o valor intermédio de £6⁶⁴. Um conforto financeiro que não combina com a fuga súbita “a bordo” do cesto de roupa suja.

3.3. A carta de Sarah Lopez à prima Priscilla

A terceira memória de família aqui analisada difere das duas anteriores na forma e no conteúdo. Em primeiro lugar, trata-se de uma carta. A remetente é uma judia de origem ibérica residente em Nova Iorque, Sarah Lopez (1747-1840), e a destinatária a prima Priscilla Lopez (1807-1839), então a viver em Charleston⁶⁵. A missiva não está datada, mas Max J. Kohler, responsável pela sua publicação num número do *PAJHS*, estima que teria sido escrita entre 1822 e 1833⁶⁶. Em segundo lugar, ao contrário da estória que Zipporah Nunes narrou ao neto Mordecai ou da memória familiar nos papéis de Moses Solomons, a carta não relata a fuga mítica de um antepassado perseguido pela Inquisição portuguesa, mas sim a intrincada genealogia de duas famílias sefarditas de Newport, ligadas entre si pelo matrimónio e pelo sangue — os Lopez e os Rivera.

This Genealogy I cannot trace farther back than from my Husband's Father named Diego Jose Lopez a man much respected and esteemed in Portugal where he was born and married twice. By his first wife (who was my Grand Father Rivera's sister) he had two Sons and one Daughter named there Jose, Michel and Elizabeth.

1001, fl. 41.

⁶⁴ LMA, S&P, *Minute book: the Mahamad, 1 Tisry 5484 to 27 Adar 5551*, LMA/4521/A/01/03/001, fl. 12v. Ver nota 45.

⁶⁵ Priscilla Lopez é neta de José Lopes, *alias* Moses Lopez e, por conseguinte, prima em segundo grau de Sarah Lopez.

⁶⁶ KOHLER (1894) 103-106. As citações seguintes foram transcritas desta edição da fonte.

Quando escreveu estas palavras, Sarah Lopez era já viúva de Aaron Lopez, um dos mais prestigiados mercadores da América do Norte na era colonial⁶⁷. Lopez morrera acidentalmente, afogado ao atravessar um rio em Scott's Pond, Smithfield, quando regressava de Leicester a Newport após o fim da Guerra da Independência. Apesar de a sua vida na América estar plenamente documentada — a abundante correspondência comercial, livros de contas, registos de navios, etc. encontram-se conservados em vários arquivos norte-americanos —, o seu passado português permanece envolto na bruma. A carta de Sarah Lopez, porém, lança algumas luzes neste mistério, ao identificar o nome do sogro: Diego José Lopez. Com base nas informações genealógicas fornecidas nesta missiva, Rui Rodrigues Pereira conseguiu identificar o pai de Aaron Lopez com Diogo José Ramos, estanqueiro de tabaco natural de Osuna, preso pela Inquisição de Évora a 20 de Outubro de 1720⁶⁸.

Ramos foi um dos 92 cristãos-novos denunciados pelo Dr. Francisco de Sá e Mesquita, médico de Faro que, em Setembro de 1720, se apresentou perante a Inquisição de Lisboa para expor supostos conciliábulos de judaizantes em Beja, nos quais o estanqueiro andaluz seria presença assídua⁶⁹. Algumas semanas após a prisão, o processo de Ramos foi transferido do tribunal de Évora para Lisboa. Embora tenha resistido a confessar as culpas imputadas, não conseguiu evitar que a matéria de acusação continuasse a crescer. O processo arrastou-se ao longo de três anos e só depois de notificado que estava relaxado à justiça secular é que Ramos começou a debitar acusações. Saiu no auto-da-fé de 10 de Outubro de 1723, sentenciado a cárcere e hábito penitencial perpétuo sem remissão e a cinco anos de degredo nas galés. A pena não foi cumprida na íntegra. Doente, acometido por febres e delírios, os trabalhos forçados em alto-mar cedo se revelaram insuportáveis à sua condição física e, após ter acalentado os ouvidos dos inquisidores com mais denúncias, o estanqueiro obteve a licença do tribunal para trocar as galés pelos ares mais sadios de Sintra. No final de 1724, a licença foi prorrogada e Ramos autorizado a estabelecer-se onde bem entendesse no reino, desde que fora de Lisboa e Évora⁷⁰.

⁶⁷ Veja-se, entre outros, CHYET (1970).

⁶⁸ PEREIRA (2006) 564.

⁶⁹ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, procs. 11300, 11300-1 e 11300-2. Veja-se também CARVALHO (1930) 15-20.

⁷⁰ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, proc. 1647.

Na altura da prisão, Diogo José Ramos tinha cerca de 35 anos de idade, era casado com Rosa Margarida e pai de cinco filhos: José, Jerónimo, Miguel, Ana e Isabel⁷¹. Na memória de Sarah Lopez apenas se conservou o nome de três dos cinco meios-irmãos do seu marido. Também presa pelo Santo Ofício, Rosa Margarida faleceria nos cárceres da Inquisição de Évora a 5 de Outubro de 1722. Tal como o marido, tinha nascido na Andaluzia, mais exactamente em Coín, e era filha de Diogo Rodrigues Montalvão, mercador castelhano também dedicado ao negócio do tabaco⁷². A carta fornece-nos mais uma informação sobre Rosa Margarida — era irmã do avô de Sarah Lopez, Abraham Rodriguez Rivera⁷³. Relativamente ao primogénito de Ramos, refere o seguinte:

Jose, the oldest son, from some unpleasant circumstances connected with the affairs of the Inquisition, supposing himself in Danger of being imprisoned in that horrid place, quited the Country very young in his Father's lifetime, and went as I am informed to England, from whence he was the first of his Brothers that came to America, where in compliance with our religious forms & customs he changed his name to that of Moses and Married my Grand Father's Daughter Rebecca; the whole family afterwards removed from New York to Newport, where they lived a number of years and there he Died.

De facto, José Lopes já se encontrava na cidade de Londres em 1725. Sabemo-lo por via de uma lista entregue a 24 de Setembro desse ano, na Inquisição de Lisboa, por um mercador da Sertã, João Gonçalves. O rol elencava o nome de cristãos-novos em Portugal que mantinham contacto com judeus portugueses em Londres. Gonçalves obtivera-a das mãos de um castelhano chamado D. Alonso, oficial de guerra que servira as tropas da rainha Ana de Inglaterra e que mantinha contactos próximos com a comunidade judaica. Entre os cristãos-novos nomeados na lista, encontrava-se Diogo José Ramos, “administrador de los tabacos enel reyno del algarbe”, que tinha então em Londres “un ylo suyo y una ermana, casada com su marido y tres sobrinos”,

⁷¹ Ibid., fl. 203v.

⁷² ANTT, TSO, Inquisição de Évora, proc. 6375.

⁷³ Ainda não foi possível desvendar a identidade de Abraham Rodriguez Rivera antes de se estabelecer em Newport, nos anos 20 do século XVIII. Ele seria um dos filhos de Diogo Rodrigues Montalvão ou Diego Rodriguez Montalbán: Miguel Rodriguez (n. Sevilha, c. 1675) ou Manuel Fabián de Rivera (n. Alera?, c. 1680). PEREIRA (2006) 578. Sarah Lopez era filha de Jacob Rodriguez Rivera (1717-1789), filho de Abraham Rodriguez Rivera (m. Newport, 1765).

a quem havia enviado uma letra de 10 mil cruzados, “y de esa manera ade mandar mas dinero y los estan esperando a el enesta ciudad”⁷⁴. O filho era José Lopes e, pela informação de D. Alonso, Ramos preparava-se então para se reunir a ele em Londres. Infelizmente, desconhecemos se tal chegou a acontecer. A última notícia que temos do contratador é exactamente essa — ele como administrador do contrato do tabaco do reino do Algarve em 1725. O resto é Sarah Lopez quem nos diz:

By the second wife of my Husband's father who was of the Lopez family, he had three Sons, named in rotation Edward, Henry & Gabriel. Henry died quite young, and his Brother Edward the oldest who brought with him his other Brother Gabriel, the youngest (now Dead) were called here Aaron & David, they being the two next half brothers to Moses that came to America.

Portanto, Ramos ter-se-ia casado novamente e sido pai de mais três filhos. O mais velho, Edward (Duarte Lopes) era Aaron Lopez, o marido de Sarah, que chegou a Newport em 1752, vindo directamente de Lisboa. No porto norte-americano, um dos mais efervescentes antes da Revolução, já se encontrava estabelecido, havia anos, o meio-irmão José, *alias* Moses Lopez. Depois de Londres, Moses rumara à América ainda na década de 30, fixando-se em Nova Iorque, onde obteve a naturalidade britânica em 1741 e se casou com a prima Rebecca, filha de Abraham Rodriguez Rivera⁷⁵. Alguns anos depois, mudou-se para Newport, onde já se encontrava em 1749, ano em que se tornou membro da Redwood Library Company⁷⁶. Contudo, Moses Lopez não chegou a ver o último dos irmãos, Miguel Lopes, a aportar em Newport. Faleceu três meses antes do seu desembarque⁷⁷.

The last that came in succession to America was another own brother to Moses, by name of Michael, altered here for Abraham. With him came also his Wife and three Sons, the Mother there being called Joana, took the name of Abigail, & the sons whose Names were in rotation Edward, Joseph and John, were changed for Moses, Samuel and Jacob, their parents Marriage Ceremony being also performed here.

⁷⁴ ANTT, TSO, Inquisição de Lisboa, liv. 155 (Caderno 6.º de Ordens do Conselho Geral), fl. 484.

⁷⁵ HOLLANDER (1897) 116; STERN (1991).

⁷⁶ CHYET (1970) 21.

⁷⁷ Moses Lopez faleceu a 6 de Abril de 1767 e o irmão Miguel, *alias* Abraham Lopez, chegou a Newport apenas em Julho desse ano. “The Lyons Collection” (1920) 194.

As informações transmitidas por Sarah correspondem à verdade, embora omitam a data em que Miguel Lopes chegou à América. Através da correspondência trocada entre Aaron Lopez e os seus agentes comerciais, ficamos a saber que o meio-irmão aportou em Newport com a família a 11 de Julho de 1767, a bordo do navio *America*. A embarcação pertencia a Aaron e tinha como destino Bristol, o seu centro de operações na Europa. Porém, antes de partir, o capitão Jeremiah Osborne recebera ordens para, no regresso, passar por Lisboa e embarcar Miguel Lopes com a respectiva família⁷⁸. Conta a tradição que, da mesma forma, Aaron, o “príncipe-mercador” de Newport, teria possibilitado a fuga de outros tantos refugiados ibéricos a bordo das suas embarcações que passavam por Lisboa de regresso à costa leste norte-americana.

Na companhia de Miguel Lopes, também chegou uma sobrinha, filha da irmã Isabel Maria Rosa. Isabel, mãe da primeira esposa de Aaron Lopez (Ana, *alias* Abigail Lopez), não beneficiou da mesma sorte dos irmãos. Sarah Lopez não esqueceu o destino trágico de “Elizabeth” e dos seus outros filhos:

The mother [Elizabeth Lopez] and two of the other Daughters were killed by an Earthquake in Portugal in the year 1755, the House falling upon them, and the son, a worthy young Man, was murdered in Cool Blood in his own house by a Spanish traitor who lodged there one night as his intimate friend, so that of the whole family, only One Daughter was left living in Portugal, who would not quit it when the last brother came away.

Novamente, faltam evidências documentais que corroborem as palavras de Sarah. Porém, é possível desvendar alguns nomes que escaparam à narrativa genealógica da viúva de Aaron Lopez. Isabel Maria Rosa tinha casado com Manuel Freire, em Castro Marim, a 22 de Agosto de 1725. Dos cinco filhos referidos, conhece-se apenas o nome de quatro: além de Ana, também Luísa, Maria e Diogo, todos naturais de Santiago do Cacém⁷⁹. Desconhecemos, porém, qual das filhas sobreviveu ao terramoto e seguiu com o tio Miguel para Newport em 1767.

A carta de Sarah Lopez continua com informações sobre o outro lado da família, os Rodriguez Rivera, com particular enfoque no seu percurso pe-

⁷⁸ *Commerce of Rhode Island* (1914) 180-181, 200-201; CHYET (1970) 105-106. A 27 de Outubro de 1767, Miguel, *alias* Abraham Lopez, era circuncidado em Newport. “The Lyons Collection” (1920) 153.

⁷⁹ PEREIRA (2006) 569.

las colónias britânicas nas Caraíbas e América do Norte até ao estabelecimento em Newport, cidade onde os Lopez e os Rivera permaneceram até ao eclodir da Guerra da Independência. O conflito marcou o início do fim do apogeu do porto de Rhode Island e o desmantelamento da comunidade judaica ali estabelecida. Como foi dito, Aaron Lopez, que se refugiara com a família em Leicester, Massachusetts, faleceu antes de conseguir regressar a Newport. Após a sua morte, a viúva e os filhos também não se demoraram em Rhode Island e acabaram por se estabelecer em Nova Iorque.

4. Em análise

Seguindo a categorização estabelecida por Jan Assmann, podemos classificar estes três textos como resultantes de memórias comunicativas cujo processo de fixação ocorreu bastante tardiamente face aos eventos recordados, em particular nos dois primeiros casos. Por outro lado, quer a estória do patriarca dos Mendes Seixas, quer a carta de Sarah Lopez só foram publicadas várias décadas após a sua composição num periódico especializado dirigido a um nicho de leitores e, por isso, com uma divulgação limitada. Diferente é o caso da narrativa sobre os antepassados de Mordecai Noah, incluída num livro de projecção consideravelmente mais ampla. Contudo, o responsável pela fixação da história familiar dos Nunes Ribeiro, George White, era alguém alheio ao grupo que gerou e comunicou essa memória e os objectivos que o moveram a publicá-la não correspondiam à agenda desse mesmo grupo. Portanto, em nenhum dos casos estamos perante um esforço consciente dos produtores de memória em fixá-la e divulgá-la a um público mais vasto do que o seu contexto familiar.

Um dos factores mais determinantes do diferente nível de pormenor encontrado nas três narrativas reside na distância geracional face aos acontecimentos. A carta de Sarah Lopez é a que se encontra mais próxima: ela pertence a uma segunda geração da diáspora, porém contactou muito proximamente com alguém que vivenciou alguns dos eventos narrados, o marido Aaron Lopez. Mordecai Noah, por sua vez, integra a quarta geração, embora a memória lhe tenha sido comunicada pela bisavó, que experienciara na primeira pessoa a fuga de Portugal. Quanto à nota sobre o fundador da família

Seixas, a imprecisão dos detalhes e o tom quase mítico do enredo reflectem o maior distanciamento face aos acontecimentos. Note-se, porém, a falta de informação sobre a forma como esta memória foi transmitida, quem a comunicou e até se foi o próprio Moses Solomons quem a fixou por escrito.

Tendo em consideração os diferentes níveis de distanciamento cronológico e geracional entre conteúdos e portadores de memória, passemos agora a analisar o que foi esquecido. Num artigo recente, Paul Connerton distingue sete tipos de esquecimento, um deles o esquecimento que é parte constituinte na formação de uma nova identidade (“forgetting that is constitutive in the formation of a new identity”). Segundo o autor, este foca-se não na perda em si, mas sim nos ganhos conquistados ao se descartar memórias que não servem os propósitos da gestão de uma determinada identidade e que podem provocar uma dissonância cognitiva indesejada⁸⁰. Tal tem expressão nos três casos aqui analisados.

Confrontando as narrativas com as evidências documentais, verificamos que a cronologia é a primeira informação a cair no olvido. Nenhum dos três textos localiza os acontecimentos no tempo, com excepção da referência breve da carta de Sarah Lopez ao terramoto de 1755, ou da menção à chegada dos Nunes Ribeiro a Londres por alturas em que se debatia no Parlamento inglês o estabelecimento da colónia da Geórgia. A cronologia revela-se um detalhe acessório para a perpetuação das narrativas fundacionais das três famílias.

Mais significativo, porém, é o desvanecimento gradual das identidades dos protagonistas. No apontamento sobre os Mendes Seixas, não encontramos um único nome. Em contraste, o relato genealógico de Sarah Lopez revela bastante exactidão nas identidades dos antepassados ibéricos, apesar da anglicização dos nomes. No meio-termo, encontramos a narrativa perpetuada por Mordecai Noah, na qual apenas sobreviveram os nomes judaicos dos ancestrais. Assim, o trisavô e protagonista da fuga épica rumo a Inglaterra é o “Dr. Samuel Nunez”, não o Dr. Diogo Nunes Ribeiro. Talvez este esquecimento selectivo não seja meramente accidental. Se a carta de Sarah Lopez e a anotação relativa ao patriarca dos Mendes Seixas omitem o passado católico dos antepassados portugueses, a memória familiar de Mordecai Noah não se

⁸⁰ CONNERTON (2008) 62-64. Os outros tipos de esquecimento identificados por Connerton são: o apagamento repressivo; o esquecimento prescritivo; o esquecimento como anulação, a amnésia estrutural, o esquecimento como obsolescência planeada e o esquecimento como silêncio humilhante.

limita a ignorar essa circunstância, antes enfatiza a persistência do judaísmo secreto mesmo sob perseguição — ou seja, no seu interior, os Nunes Ribeiro nunca deixaram de ser judeus⁸¹. Outra característica da família realçada é o estatuto social. O Dr. Samuel Nunes é apresentado como membro de uma família distinta de Lisboa, um médico eminente, um homem de grande fortuna. A mesma ideia de superioridade social encontra-se expressa no retrato breve que Sarah Lopez traça do sogro: “Diego Jose Lopez a man much respected and esteemed in Portugal”⁸².

Desviemos o enfoque do conteúdo para o portador de memória. Pouco sabemos sobre Sarah Lopez ou Moses Solomons, mas Mordecai Manuel Noah era uma figura de grande notoriedade pública. Jornalista, dramaturgo, diplomata e político, esta personagem multifacetada assumiu, nas várias vertentes da sua vida, o papel de porta-voz da minoria judaica dos Estados Unidos. A 17 de Abril de 1818, convidado para discursar na inauguração da nova sinagoga da congregação Shearith Israel em Nova Iorque, afirmou que a América era a “terra eleita” do povo judeu, pelo menos até à derradeira recuperação do governo da Terra. Fiel a esta ideia, Noah comprou um terreno em Grand Island, no rio Niagara, com o plano de ali erigir uma colónia que servisse de refúgio aos judeus perseguidos pela sua religião. O lançamento da primeira pedra de Ararat — como simbolicamente denominou o projecto — decorreu a 8 de Setembro de 1825 com o dramatismo digno de um homem do teatro como era Noah: apresentou-se com o figurino de Ricardo III e auto-intitulou-se de *Grand Judge of Israel*. Embora Ararat tenha sido apenas mais um castelo de areia entre outros tantos que Noah construiu ao longo da sua vida, não deixou de reverberar o seu espírito militante em prol da preservação do Judaísmo e da protecção do povo judeu, e o senso de superioridade

⁸¹ “At that period the Jews were not permitted openly to follow their religion; they had no synagogues places of public worship, but assembled for devotional purposes in each others houses, and their prayer-books were concealed in the seats of chairs, and opened by springs. It had long been observed that the families never ventured abroad on Friday evenings, being the evening of the Sabbath, and suspicions were awakened as to their real faith, although for form sake they all attended mass. The familiars of the Inquisition, who were generally spies, were set to work to discover what their pursuits were on the Sabbath, and detecting them at prayers, seized their Hebrew prayer-books, and threw them all into prison”. WHITE (1849) 619.

⁸² KOHLER (1894) 103.

da sua linhagem, ambos com reflexo na memória concebida sobre os seus ancestrais portugueses⁸³.

As lacunas factuais da história que Noah escutara da bisavó Zipporah foram preenchidas pela imaginação. A fuga do médico português, plena de fausto e extravagância, parece material de uma das suas peças de teatro. Não é caso único — à narrativa da evasão do “progenitor” dos Seixas também não falta o drama. Nela, a imaginação mnemónica é claramente alimentada por elementos simbólicos e pela tradição cultural e religiosa. A roupa suja que oculta o fugitivo parece uma alusão ao catolicismo dissimulado que o patriarca dos Seixas fora forçado a envergar num contexto de perseguição. O transporte a braços do fiel servidor até às margens do rio representaria a passagem para uma nova vida, mais limpa e verdadeira, abraçando publicamente a única fé autêntica que sempre guardou no seu coração. E elementos como o cesto ou o rio trazem à memória a história de um outro patriarca do povo hebreu. Enquadrando os eventos que rodearam a partida do antepassado dos Seixas de Portugal nos arquétipos da história judaica, é evidente a intenção do responsável pela fixação desta memória — seja Moses Solomons ou outro — em “judaizar” a sua narrativa familiar e ajustá-la, assim, à sensibilidade religiosa coetânea da família e ao estatuto conquistado entre a comunidade judaica norte-americana.

5. Conclusão: Que pátria é essa?

A noção da pátria dos antepassados como um potencial local de retorno, sugerida por William Safran enquanto uma das características da diáspora, foi questionada, ainda na década de 90, por Jon Stratton: a diáspora judaica pré-contemporânea enquadra-se no conceito de *galut* (exílio), e, por conseguinte, na perspectiva de que o retorno à terra-mãe, a *Eretz Israel*, não acontecerá antes da vinda do Messias⁸⁴. *Eretz Israel* não é a pátria das memórias de Sarah Lopez, Mordecai Noah ou Moses Solomons. Também não é aquela que serve de referência identitária à diáspora sefardita em geral. Como argumenta Vijay Mishra, a diáspora judaica não se encontra necessa-

⁸³ SARNA (1981) 54-55, 61-75.

⁸⁴ STRATTON (1997) 305-307. Veja-se também CLIFFORD (1994) 305-306.

riamente ligada a um centro original, mas sim a várias pátrias constantemente recriadas⁸⁵. Aquela que alimenta as narrativas familiares dos ditos sefarditas ocidentais é a que os distingue como uma elite entre os judeus — a Península Ibérica.

Embora, na América colonial britânica, cedo se tenham tornado comuns as uniões entre asquenazitas e sefarditas (ao contrário do que se verificou nas comunidades europeias), é sempre o ramo ou os ramos de origem ibérica dessas famílias que tendem a ser evocados. Mordecai Noah é um bom exemplo, ao restringir a sua memória à ascendência da avó materna, Rebecca Machado Phillips, ignorando a história familiar dos restantes três avós, todos asquenazitas. Esta amnésia estrutural (*structural amnesia*), usando o termo cunhado por John Barnes⁸⁶, constitui uma manifestação clara da preservação da ideia da superioridade sefardita nas comunidades judaicas norte-americanas do século XIX e da sua instrumentalização como veículo de legitimação social⁸⁷.

Portugal é a pátria ancestral recordada e evocada por Noah, Sarah Lopez e Moses Solomons (ou quem redigiu a nota conservada nos seus papéis), mas nenhum dos três a concebe como o seu lar autêntico ou ideal. É uma pátria distante no passado, não um ponto de eventual retorno. A perda e a dor suscitadas quer pela perseguição religiosa (Inquisição), quer por cataclismos naturais (o terramoto 1755), pintam o retrato dessa pátria. As cicatrizes físicas (“Abby de Lyon, who died in Savannah, carried to her grave the marks of the ropes on her wrists”) e psicológicas (“[Zipporah] was observed, whenever the clock struck, to repeat a silent prayer, which had some reference to her imprisonment in the Inquisition”⁸⁸) despertam as recordações transmitidas aos descendentes, que as incorporam como parte da sua identidade pessoal, familiar e de grupo. Mas ninguém quer regressar a esse passado. Sendo assim, porquê recordar?

Nas três narrativas analisadas, a pátria dos ancestrais é apresentada como um local de sofrimento, mas também, e sobretudo, de provação e

⁸⁵ MISHRA (2005) 10.

⁸⁶ Citado em CONNERTON (2008) 64. Barnes concebeu o conceito no âmbito do estudo da genealogia, para identificar o fenómeno dos indivíduos tenderem a apenas recordar os ramos familiares com maior valor social.

⁸⁷ Sobre o conceito de “supremacia sefardita”, veja-se o estudo seminal de SCHORSCH (1989).

⁸⁸ Esta e a citação anterior são da memória de Mordecai Noah. WHITE (1849) 619-620.

superação. À perseguição opôs-se a fuga; à tragédia, uma nova vida num novo destino; à opressão religiosa, o retorno à fé autêntica. O principal feito dos antepassados portugueses consistiu na capacidade de sobrevivência às maiores adversidades, na fidelidade à religião judaica e no reencontro com a sua verdadeira identidade na diáspora, limpos da mácula de uma vida dupla. Imutável, porém, permaneceu a distinção das suas origens e a forma como esta se reflectia nos seus comportamentos e carácter. Afinal, o Dr. Samuel Nunes, o “progenitor” dos Seixas ou o pai de Aaron Lopez eram herdeiros directos dos judeus ibéricos, o mesmo povo que concebera um Maimónides ou um Ibn Gabirol. Assim, também estava reservada a Mordecai Noah, Moses Solomons e Sarah Lopez a legitimidade de reclamar esse legado. É certo que esta associação à “era dourada” do Judaísmo ibérico, um dos alicerces do “mito da supremacia sefardita”, nunca surge explícita em nenhuma das três narrativas. Porém, não se deve rejeitar a consciência dessa herança, pelo menos no caso de Noah, dos três aquele cuja voz é mais audível. O fascínio pelo passado ibérico ecoa em alguns dos seus escritos, como em *Travels in England, France, Spain, and the Barbary States*, quando após dissertar sobre a conquista da Península Ibérica pelos mouros, solta um desabafo:

*Spain, Spain! if misfortunes brought on by ignorance and fanaticism, by indolence and tyranny, have not deadened your sensibilities; if damned custom has not brazed it so, that it be proof and bulwark against sense, the recollection of what you were a thousand years ago, in barbarous ages, must drive you mad! the comparison must be agony! arouse yourself! shake off your indolence! and give your prejudices to the winds! Raze your inquisitions to the ground; turn your monasteries, into seminaries of learning; place your priests between the handles of a plough; tolerate all religions; call back the Moors and the Jews, who gave you character and wealth [...]*⁸⁹

E continuam as exortações à mudança, talvez uma das raras expressões, mesmo que meramente retórica, de empenho pelo progresso da pátria (entenda-se aqui “Espanha” como toda a Península Ibérica) do trisavô Samuel. Uma pátria distante que Noah já não entendia como verdadeiramente sua.

⁸⁹ NOAH (1819) 125.

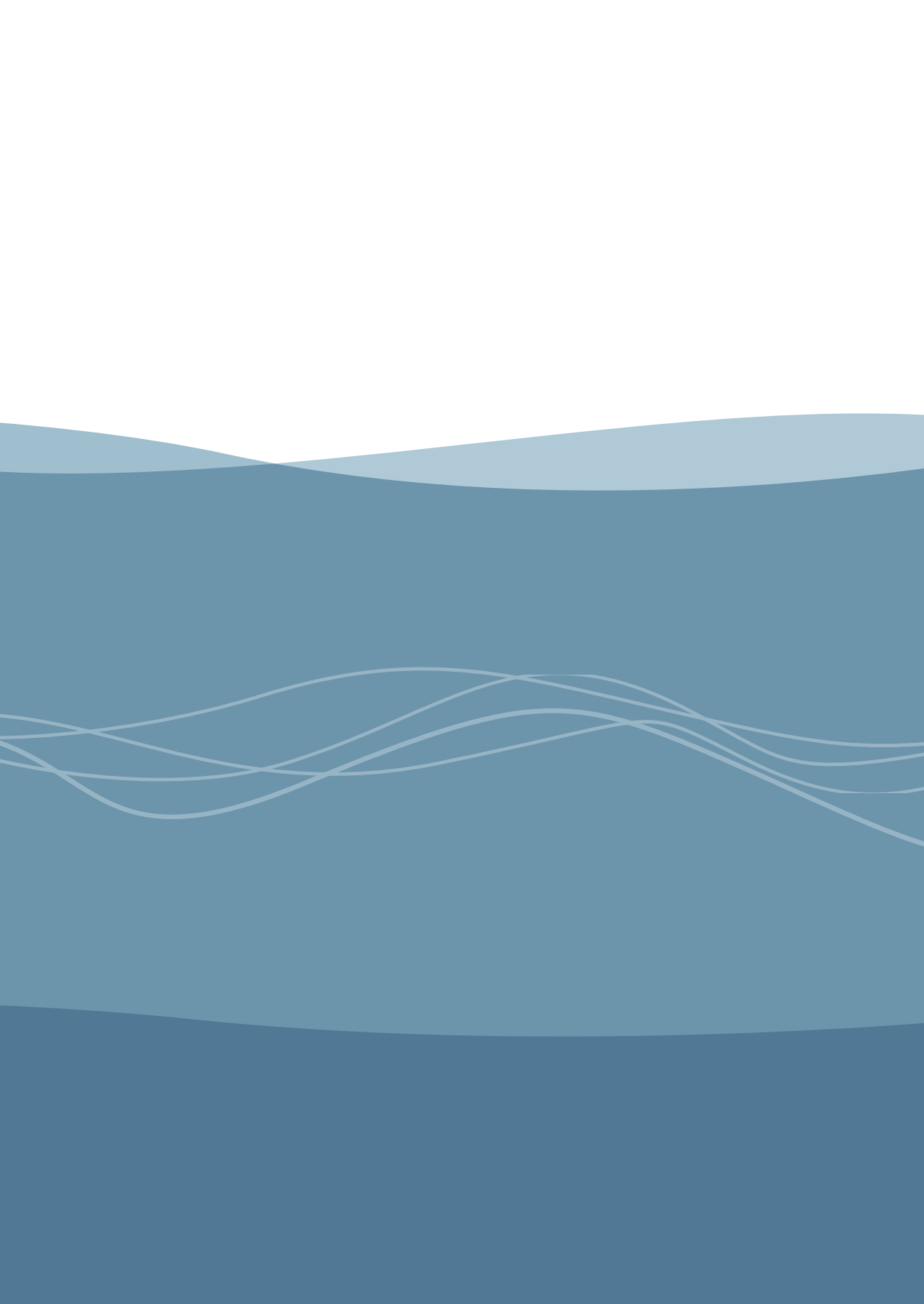
Referências bibliográficas

- ASSMANN, A. (2008), "Transformations between History and Memory": *Social Research: An International Quarterly* 75.1 (2008) 49-72.
- ASSMANN, J. (1995), "Collective Memory and Cultural Identity": *New German Critique* 65 (1995) 125-133.
- BARNETT, L. D. (1949), *Abstracts of the Ketubot or Marriage-Contracts of the Congregation from the Earliest Times until 1837*. Oxford, Oxford University Press.
- BARNETT, R. D. (1971), "Dr Samuel Nunes Ribeiro and the Settlement of Georgia": *Migration and Settlement. Proceedings of the Anglo-American Jewish Historical Conference held in London jointly by the Jewish Historical Society of England and the American Jewish Historical Society, July 1970*. Londres, The Jewish Historical Society of England, 63-100.
- BARNETT, R. D. (1976), "Zipra Nunes's Story": Bertram W. Korn (ed.), *A Bicentennial Festschrift for Jacob Rader Marcus*. Nova Iorque, American Jewish Historical Society, Ktav Publishing House, 47-61.
- BARNETT, R. D. (ed.) (1991), *The Circumcision Register of Isaac and Abraham de Paimba (1715-75)... in the Archives of the Spanish and Portuguese Jews' Congregation of London*. London, The Jewish Historical Society.
- BARNWELL, A. (2019), "Convict shame to convict chic: Intergenerational memory And Family Histories": *Memory Studies* 12.4 (2019) 398-411.
- BEN-UR, A. (2001), "The Exceptional and the Mundane: A Biographical Portrait of Rebecca (Machado) Phillips, 1746-1831": P. S. NADELL & J. D. SARNA (eds.), *Women and American Judaism: Historical Perspectives*. Hanover, London, University Press of New England, 46-80.
- BRUBAKER, R. (2005), "The 'diaspora' diaspora": *Ethnic and Racial Studies* 28.1 (2005) 1-19.
- BRUBAKER, R. (2017), "Revisiting 'The 'diaspora' diaspora'": *Ethnic and Racial Studies* 40.9 (2017) 1556-1561.
- CARVALHO, A. S. (1930), *Noticia sobre alguns medicos judeus do Alentejo*. Separata do *Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa*. Lisboa, Tipografia do Comercio.
- CATROGA, F. (2008), "Pátria, Nação, Nacionalismo": L. R. TORRALBA, F. T. PIMENTA & J. S. SOUSA (eds.), *Comunidades Imaginadas: Nação e Nacionalismos em África*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 9-39.
- CHYET, S. F. (1970), *Lopez of Newport: Colonial American Merchant Prince*. Detroit, Wayne State University.
- CLIFFORD, J. (1994), "Diasporas": *Cultural Anthropology* 9.3 (1994) 302-338. *Commerce of Rhode Island, 1726-1800* (1914), vol. I. Boston, Massachusetts Historical Society.

- CONNERTON, P. (2008), "Seven types of forgetting": *Memory Studies* 1.1 (2018) 59-71.
- DIAMOND, A. S. (1968), "Problems of the London Sephardi Community, 1720-1733 — Philip Carteret Webb's Notebooks": *Transactions of the Jewish Historical Society of England* 21, 39-63.
- ERLL, A. (2011), "Travelling Memory": *Parallax* 17.4 (2011) 4-18.
- FABER, E. (1992), *A Time for Planting. The First Migration 1654-1820*. Baltimore, The Johns Hopkins University Press.
- FEINDT, G. *et alii* (2014), "Entangled memory: toward a third wave in memory studies": *History and Theory* 53.1 (2014) 24-44.
- GREENBERG, M. I. (2002), "A «Haven of Benignity»: Conflict and Cooperation Between Eighteenth-Century Savannah Jews": *The Georgia Historical Quarterly* 86.4 (2002) 544-568.
- HALBWACHS, M. (1992), *On Collective Memory*. Chicago, The University of Chicago Press.
- HERSHKOWITZ, L. (2005), "By Chance or Choice: Jews in New Amsterdam 1654": *American Jewish Archives Journal* 57.1 (2005) 1-13.
- HIRSCH, M. (2008), "The Generation of Postmemory": *Poetics Today* 29.1 (2008) 103-128.
- HOFFMAN, E. (2000), "Complex Histories, Contested Memories: Some Reflections on Remembering Difficult Pasts": *Occasional Papers of the Doreen B. Townsend Center for the Humanities* 23. Berkeley, University of California, Doreen B. Townsend Center for the Humanities, 1-26.
- HOLLANDER, J. H. (1897), "The Naturalization of Jews in the American Colonies under the Act of 1740": *Publications of the American Jewish Historical Society (PAJHS)* 5 (1897) 103-117.
- KANSTEINER, W. (2002), "Finding Meaning in Memory: A Methodological Critique of Collective Memory Studies": *History and Theory* 41.2 (2002) 179-197.
- KESSNER, T. (1969), "Gershom Mendes Seixas: His Religious «Calling,» Outlook and Competence": *American Jewish Historical Quarterly* 58.4 (1969) 445-471.
- KIM, S. S. H. C. (2007), "Redefining Diaspora through a Phenomenology of Postmemory": *Diaspora: A Journal of Transnational Studies* 16.3 (2007) 337-352.
- KOHLER, M. J. (1894), "The Lopez and Rivera Families of Newport": *PAJHS* 2 (1894) 101-106.
- LEA, H. C. (1907), *A History of the Inquisition of Spain*, vol. III. Londres, Macmillan & Co.
- LEMOS, M. (1913), "Cartas de Ribeiro Sanches ao Dr. Pacheco Valladares": *Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa*, nova série, 4 (1913) 90-96.
- LIEBERMAN, J. R. (2017), "New Practices of *Sedaca*. Charity in London's Spanish and Portuguese Jewish Community during the Eighteenth Century": J. R. LIEBERMAN & M. J. ROZBICKI (eds.), *Charity in Jewish, Christian, and Islamic Traditions*. Lanham, Lexington Books, 105-130.

- LIEBERMAN, J. R. (2019), "Few Wealthy and Many Poor: The London Sephardi Community in the Eighteenth-Century": *Ler História* 74 (2019) 41-61.
- MANNHEIM, K. (1952), "The Problem of Generations": *Essays on the Sociology of Knowledge*. London, Routledge, 276-322.
- MARCUS, J. R. (1969-1970), "The Handsome Young Priest in the Black Gown: The Personal World of Gershom Seixas": *Hebrew Union College Annual* 40-41 (1969-1970) 409-467.
- MENDONÇA, J. L. D. & MOREIRA, A. J. (1980), *História dos principais actos e procedimentos da Inquisição em Portugal*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- MISHRA, V. (2005), "The Diasporic Imaginary and the Indian Diaspora": *Asian Studies Institute Occasional Lecture* 2. Wellington, Asian Studies Institute.
- NOAH, M. M. (1819), *Travels in England, France, Spain, and the Barbary States, in the years 1813-14 and 15*. Nova Iorque, Kirk and Mercein.
- OPPENHEIM, S. (1909), "The Early History of the Jews in New York, 1654-1664. Some New Matter on the Subject": *PAJHS* 18 (1909) 1-91.
- PEREIRA, R. M. F. R. (2006), "The Iberian Ancestry of Aaron Lopez and Jacob Rodriguez Rivera of Newport": *Rhode Island Jewish Historical Notes* 14.4 (2006) 559-580.
- PHILLIPS, N. T. (1894), "Family History of the Reverend David Mendez Machado": *PAJHS* 2 (1894) 45-61.
- PICKERING, M. & KEIGHTLEY, E. (2012), "Communities of memory and the problem of transmission": *European Journal of Cultural Studies* 16.1 (2012) 115-131.
- POOL, D. S. (1939), "Gershom Mendes Seixas' Letters, 1813-1815, to his Daughter Sarah (Seixas) Kursheedt and Son-in-law Israel Baer Kursheedt": *PAJHS* 35 (1939) 189-206.
- RAY, J. (2008), "New Approaches to the Jewish Diaspora: The Sephardim as a Sub-Ethnic Group": *Jewish Social Studies: History, Culture, Society* 15.1 (2008) 10-31.
- ROCK, H. B. (2012), *Haven of Liberty. New York Jews in the New World, 1654-1865*. Nova Iorque, New York University Press.
- RODRIGUES-PEREIRA, M. & LOEWE, C. (1997), *The Burial Register (1733-1918) of the Novo (New) Cemetery of the Spanish & Portuguese Jews' Congregation London*. Londres, The Spanish & Portuguese Jews' Congregation.
- SAFRAN, W. (1991), "Diasporas in Modern Societies: Myths of Homeland and Return": *Diaspora: A Journal of Transnational Studies* 1.1 (1991) 83-99.
- SARNA, J. D. (1981), *Jacksonian Jew. The Two Worlds of Mordecai Noah*. Nova Iorque, Holmes & Meier.
- SCHORSCH, I. (1989), "The myth of Sephardic supremacy": *The Leo Baeck Institute Year Book* 34.1 (1989) 47-66.
- STERN, M. H. (1963), "New Light on the Jewish Settlement of Savannah": *American Jewish Historical Quarterly* 52.3 (1963) 169-199.

- STERN, M. H. (1991), *First American Jewish Families: 600 Genealogies, 1654-1988*. Baltimore, Ottenheimer Publishers. <https://www.americanjewisharchives.org/aja-publications/first-american-families/>.
- STERN, M. H. (1992), "Portuguese Sephardim in the Americas": *American Jewish Archives* 24.1 (1992) 141-178.
- STRATTON, J. (1997), "(Dis)placing the Jews: Historicizing the Idea of Diaspora": *Diaspora: A Journal of Transnational Studies* 6.3 (1997) 301-329.
- "The Lyons Collection. Volume II" (1920): *PAJHS* 27 (1920).
- TORRES, J. V. (1978), "Uma longa guerra social: os ritmos da repressão inquisitorial em Portugal": *Revista de História Económica e Social* 1 (1978) 55-68.
- VIEIRA, C. (2015), "Abraham before Abraham: pursuing the Portuguese roots of the Seixas Family": *American Jewish History* 99.2 (2015) 145-165.
- VIEIRA, C. (2016), "Raízes. De encontro às origens das comunidades sefarditas na América do Norte": *Cadernos de Estudos Sefarditas* 15 (2016) 11-34.
- WHITE, G. (1849), *Statistics of the State of Georgia: Including an Account of Its Natural, Civil, and Ecclesiastical History*. Savannah, W. Thorne Williams.





ÁGORA

S6

Diálogos

Luso-Sefarditas

No centro do frontispício da magnífica Bíblia de Ferrara (1553), saída dos prelos do cristão-novo Duarte Pinel/ Abraão Usque, encontra-se a imagem simbólica de uma nau ostentando uma esfera armilar, que se agita, em plena tempestade, no mar revolto, com o mastro da gávea quebrado, fustigada pelos fortíssimos ventos soprados pelas figuras divinas que ornamentam as margens do rosto. Foi nosso desejo, neste volume, que estes ventos do passado continuassem a dar vida, no presente, aos fecundos diálogos luso-sefarditas havidos ao longo de séculos, já não num clima tempestuoso, como no tempo em que a Bíblia foi dada à estampa, mas antes de diálogo, de reflexão e de tolerância.



universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

cllc

centro de línguas, literaturas e culturas

CHS C

CENTRO DE HISTÓRIA
DA SOCIEDADE
E DA CULTURA



FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia